



Nadir Bandeira atua no documentário como um senhor que ouviu notícias sobre Francisco Santos no rádio. Crédito: Bianca Dornelles

Francisco Santos 100 anos depois

Cíntia Langie¹

Mestre em Comunicação pela PUCRS
Cineasta e Professora de Cinema/UFPEL

Resumo: Este artigo se dedica a uma breve apresentação das escolhas técnicas e estilísticas do documentário intitulado *As memórias do Vovô* (2013), curta-metragem sobre Francisco Santos, cineasta que realizou em Pelotas *Os óculos do Vovô* (1913) – o mais antigo filme de ficção do Brasil com imagens preservadas.

Palavras-chaves: Cinema brasileiro, Francisco Santos, Documentário, Memória

Em 1913, o cineasta português Francisco Santos realizou em Pelotas o curta-metragem *Os Óculos do Vovô*. Hoje, essa obra é considerada por muitos o filme de ficção mais antigo do Brasil com imagens preservadas. Em 2013, exatamente 100 anos depois da realização do filme, também em Pelotas, concluiu-se um documentário sobre a vida e obra de Francisco Santos. Intitulado *As Memórias do Vovô* o documentário mescla depoimentos com cenas ficcionais, registrando em vídeo uma história desconhecida do grande público.

O presente artigo irá apresentar as escolhas estéticas e também as decisões de produção do filme documentário, realizado pela autora deste texto, através da Produtora Experimental de Audiovisual do Curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O que motivou a feitura do filme, assim como a escrita deste estudo, foi a invisibilidade da obra de Francisco Santos, apesar da importância e do pioneirismo do artista.

Francisco Santos é digno de nota em razão do descaso brasileiro com sua própria cinematografia, e também por fazer parte de um *cinema esquecido*, de forma que o título deste artigo poderia ser: “O Caso, o Descaso e o Acaso”. Segundo a única publicação sobre o artista no Brasil, “*Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil*”, de Yolanda Lhullier dos Santos e Pedro Henrique Caldas, Santos realizou mais de 30 obras entre filmes e cine-jornais, tendo desaparecido todo esse material:

¹ cintialangie@gmail.com

Com o tempo, todo esse material desapareceu (boa parte roubada), acreditando-se que tenha sido vendido e derretido nas fábricas de cola. Crime irreparável, que era usual na época e até bem mais tarde. Dessa destruição salvaram-se apenas os fragmentos de *Os Óculos do Vovô* e um (!) único fotograma de *O Crime dos Banhados*. (SANTOS e CALDAS, 1995, p. 62).

Portanto, o **caso** é que se fez um documentário sobre o cineasta responsável pelo filme mais antigo do Brasil exatamente no ano do centenário da realização da obra. O **descaso** é o fato de ninguém ter preservado as obras de Francisco Santos, tendo o cinema brasileiro perdido grande parte de sua própria memória, pela ausência hoje não só dos filmes de Santos, mas também dos de tantos outros cineastas cujas obras viraram cola ou sebo de vela. Descaso também é ouvir-se tão pouco o nome de Santos, e poucos saberem que o filme de ficção mais antigo do país (com imagens preservadas) foi feito em Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. E o **acaso** é a sorte de, diante de tão pouco cuidado com o material fílmico feito no país, ainda se ter acesso aos fragmentos do curta *Os Óculos do Vovô*. O rolo de filme foi encontrado na casa da filha de Santos, em 1973, pelo cineasta e pesquisador Antonio Jesus Pfeil e foi encaminhado à Cinemateca de São Paulo e à Cinemateca do Rio de Janeiro para restauração (SANTOS e CALDAS, p. 48-50)².

A IDEIA – COMO SURTIU O PROJETO DO DOCUMENTÁRIO

“O filme mais antigo do Brasil vai passar no Festival”. Foi com essa frase, ouvida em 2012 nos corredores da Faculdade de Cinema da UFPel, que nasceu a ideia de realizar *As Memórias do Vovô*, um curta-metragem documentário de 19 minutos sobre Francisco Santos. Desde 2009, o curso de Cinema é parceiro na realização de um Festival de Cinema e Animação chamado Manuel Padeiro. Em 2012, na noite de abertura da terceira edição do referido evento, um espetáculo à parte chamou a atenção da plateia. Fora de competição, foram exibidos em caráter especial os fragmentos restaurados de *Os Óculos do Vovô*, de

² O acesso que se tem hoje aos cinco minutos restaurados do filme original deve-se ao projeto “Resgate do Cinema Silencioso”, da Cinemateca Brasileira.

Francisco Santos. O curioso é que a versão restaurada do filme nunca havia sido projetada na cidade dessa forma, em uma tela grande, com entrada franca, para o grande público.

Em decorrência do entusiasmo de poder assistir à obra, pensou-se em expandir essa experiência – ultrapassando assim a passividade do espectador para atingir a ação motriz do realizador de filmes.

(...) os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilhamos. (NICHOLS, 2005, p. 20).

Então, reuniu-se uma pequena equipe para fazer um documentário sobre o que se sabia de Francisco Santos, através da coleta de depoimentos. No começo, a equipe foi realmente reduzida: duas pessoas, remetendo ao período inicial do cinema, em que muitas vezes uma única pessoa atuava em diferentes frentes. Francisco Santos no curta *Os óculos do Vovô* foi roteirista, diretor e protagonista (SANTOS E CALDAS, p. 47), estratégia semelhante ao documentário que teve início durante o já citado Festival de Cinema, no dia 11 de abril de 2012, em que a mesma pessoa executou diversas funções – da produção à montagem. Os outros 50% da equipe eram formados por Gilson Jr., estudante de cinema, incumbido de atuar como operador de som direto e assistente de produção. E foi assim, com duas pessoas, que começou a ideia do registro.

Tal estratégia foi uma necessidade para realizar o filme urgentemente, durante o festival, já que o objetivo era fazer um apanhado de relatos exatamente naquela ocasião. A sensação era a de recuperar a memória que estava praticamente perdida, já que Pelotas – cidade em que viveu Francisco Santos e cidade onde foi gravado o filme centenário – não conhecia o cineasta nem a obra. Nem Pelotas, nem o restante do país.

Havia um outro fator motivador para que o documentário fosse gravado no momento do festival: o filme seria projetado ao público no Teatro Guarany. O grandioso prédio foi construído por Francisco Santos, figura de extrema pró-atividade, que não só realizava os filmes pela sua produtora de mesmo nome – Guarany Films, mas também distribuía e exibia as obras.

Decididos a construir um grande cine-teatro mas sem dispor de todo o capital necessário, Francisco Santos e Francisco Xavier associam-se ao espanhol Rosauro Zambrano, um influente agente comercial, charqueador e empresário lotérico. Constituem, então, a empresa Santos, Xavier & Cia (depois Zambrano, Xavier & Santos), com o objetivo de construir um ‘grande e moderno teatro’ orçado em 400 contos de réis. Denominação do teatro: Guarany. (SANTOS E CALDAS, p. 81).

Francisco Santos jamais poderia imaginar que 100 anos depois, seu filme feito em 1913 iria ser exibido em um projetor digital no teatro que ele construiu. Ele também jamais poderia sonhar com a facilidade de se fazer cinema hoje, graças à proliferação das câmeras de fotografia que fazem vídeos em alta definição – com valor acessível de mercado e de fácil manuseio.

No início da história do cinema, poucos podiam aventurar-se nessa empreitada pelo alto custo e pelas poucas câmeras de cinema disponíveis. “Na Europa e nos Estados Unidos a criação dos estúdios já se tornara corriqueira, no Brasil as iniciativas do gênero ainda eram raras. A de Francisco Santos, uma dessas pioneiras, era a única fora do eixo Rio-São Paulo” (SANTOS E CALDAS, p. 35). É então que se torna ainda mais interessante essa realização de um documentário, 100 anos depois, que só foi possível graças à revolução digital. O equipamento utilizado foi mínimo, barato e fácil de manusear: uma câmera digital portátil não profissional e um gravador de áudio semiprofissional³. Com uma pequena câmera e um cartão de memória que pode ser reutilizado quantas vezes se queira, alcança-se qualidade suficiente para exibir o filme não somente em tela grande, mas em tantas janelas surgidas após sua morte, como a televisão e a internet.

AS ENTREVISTAS – O DOCUMENTÁRIO PARTICIPATIVO

O objetivo era gravar depoimentos de pessoas que estavam na sessão do filme de ficção mais antigo do Brasil – sessão ocorrida na noite do dia 11 de abril de 2012, no Theatro Guarany, em Pelotas. Foram realizadas

³ Mais especificamente uma Canon Powershot G12 e um gravador Zoom H4n.

entrevistas com variados tipos de pessoas: estudantes que não sabiam quem era Francisco Santos, a dona do teatro onde ocorreu a sessão, organizadores do festival e, principalmente, professores e pesquisadores envolvidos com cinema que pudessem contar para a câmera, e conseqüentemente para o público, algumas histórias e curiosidades sobre o cineasta e sobre o seu curta mencionados neste artigo.

Durante os três dias de Festival, nos intervalos entre uma mostra e outra, chamávamos um entrevistado para um local com boa luz natural dentro ou fora do Theatro Guarany e fazíamos perguntas a eles. As perguntas tinham como foco: o que você sabe sobre Francisco Santos? As respostas foram as mais diversas e muitas vezes discordantes. Houve até quem negasse ao *Óculos* de Francisco Santos o estatuto de “mais antigo filme de ficção”. Como se vê mais uma vez, a falta de conhecimento e o descaso com os primórdios do cinema no Brasil geram esse tipo de incertezas.

O depoimento é um dos recursos do documentário, utilizado para passar informações em um filme, através de perguntas feitas pelo cineasta e respostas dadas pelos entrevistados. Esse tipo de estratégia de abordagem é classificado no livro de Bill Nichols (2005) como “modo participativo”. O autor define:

A entrevista permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário com voz-over. No documentário participativo, a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema. (NICHOLS, p. 159).

No processo de montagem do documentário, ocorreu um grande corte em relação aos objetos do filme: só permaneceram na versão final aqueles que já sabiam algo de antemão sobre Francisco Santos. O filme conta com apenas cinco depoentes, todos eles pesquisadores. Quando se trabalha com documentário, o roteiro nasce realmente na montagem. E nessa busca por um roteiro consistente, que acrescentasse algo à plateia (já que pode-se dizer que o grande público não sabe nada sobre Francisco Santos), optou-se por eliminar as diversas entrevistas de pessoas que tentavam adivinhar quem ele era ou daquelas que diziam nunca ter ouvido falar dele. Buscou-se, já na fase de montagem, enriquecer o filme com um novo

depoimento, o único que seria gravado fora do Teatro Guarany. Tentou-se ir até a cidade de Canoas para entrevistar em sua casa o pesquisador Antonio Jesus Pfeil, responsável por ter descoberto os fragmentos do filme de Francisco Santos, porém, depois de algumas tentativas, isso não foi possível.

O documentário reúne então cinco entrevistas com pesquisadores e professores de cinema. Os depoentes abordam a vinda do cineasta da Europa, sua paixão pela cidade de Pelotas, suas realizações cinematográficas, a trajetória da Guarany Films, seu pioneirismo e suas características de linguagem, entre outras informações e indagações.

Um fato interessante presente nas entrevistas de *As Memórias do Vovô* são as diferentes versões sobre o roteiro – mais especificamente sobre uma cena-chave que explicaria a história, cena essa que não existe no filme restaurado pela Cinemateca.

Produzida em março de 1913, a comédia *Os Óculos do Vovô* consiste na primeira obra de ficção lançada pela Guarany Films. Curiosamente, ainda se ignora a data exata do lançamento, pois não há registros nos jornais da época. Originalmente com duas partes, o filme narrava as peripécias de um menino travesso que pinta de preto os óculos do avô, enquanto esse dormia. (SANTOS E CALDAS, p. 46).

Ao ver a versão restaurada do filme, não há a cena do menino pintando os óculos do avô. A maioria dos entrevistados no documentário repete a afirmação acima, acreditando ter-se perdido esse trecho do filme com o passar dos anos. Porém, um entrevistado declara que não havia trecho algum faltante: para ele, os cinco minutos restaurados representam a totalidade do que foi gravado, só que na época, dependendo da velocidade com que se projetava o filme, ele ficava com maior duração.

Essa falta de certeza é mais uma prova do descaso sobre o tema. É por isso que, na montagem, optou-se por deixar lado a lado os dois pontos de vista, contrapondo os entrevistados na tela, para deixar o público preencher esse vazio da forma que lhe convier, fazendo da experiência de espectador uma experiência interrogativa e reflexiva.

OUTRAS ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM

Acredita-se que a narrativa de um documentário deve emergir de outras formas que não apenas através da coleta de depoimentos. Por esse motivo, o documentário *As Memórias do Vovô* apresenta, além das entrevistas e de trechos do filme de Francisco Santos, outras estratégias de abordagem do tema: a narração, os letreiros, a utilização de cenas ficcionais e a utilização de imagens atuais.

Quanto à narração, utilizou-se esse recurso de um modo diferente. Ao invés da tradicional voz over, aplicada em *off* às imagens do filme, optou-se por desenvolver um ambiente para que a narração aparecesse no documentário: um senhor ouve rádio e fica sabendo das peripécias de Francisco Santos.

O texto da narração foi desenvolvido pelo cineasta carioca Octávio Bezerra, no ano de 2009, para participar de um programa na RadioCom de Pelotas⁴. No processo de montagem do documentário, resgatou-se este texto, que é feito de um emaranhado de trechos de matérias de jornais que o próprio Bezerra compilou através de uma pesquisa intensa naquela tarde, na Biblioteca Pública de Pelotas. Com o texto em mãos, buscou-se uma voz que lembrasse a de um locutor de rádio dos anos 1920 e a narração foi gravada em um estúdio na cidade de Pelotas.

Na versão final do documentário, há três cenas do personagem chamado “o ouvinte do rádio”. Um senhor de mais de 70 anos, caracterizado com figurino e rádio antigos, está sentado lendo seu jornal enquanto ouve as novidades no rádio⁵. Foi um recurso criado para dar atmosfera ao filme - em vez de a narração cobrir as cenas, ela é apresentada ao público na forma de um texto jornalístico de rádio,

⁴ Chamava-se “Programa Moviola”, era sobre cinema e um dos apresentadores era Cíntia Langie, autora deste artigo e diretora do documentário “As Memórias do Vovô”.

⁵ Cena gravada no Museu da Baronesa, em Pelotas, gentilmente emprestado para realizar o projeto.

o que remete à comunicação social na época de Francisco Santos. Dessa forma, foi possível colocar no documentário informações necessárias e que não haviam sido ditas pelos entrevistados.

Além dessa inserção híbrida ficcional/documental, e a partir das entrevistas, foram produzidas outras cenas ficcionais. Outros dois personagens foram incorporados ao todo: um ator vivendo o próprio Francisco Santos – utilizado como insert nas falas dos entrevistados –, e um ator mirim vivendo o menino traquinas, criando de forma totalmente livre, para o documentário, a cena contestada – aquela em que o neto pinta de preto os óculos do avô.

Se o documentário fosse uma reprodução da realidade [...] teríamos apenas a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão de mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, p. 47).

Além de tudo isso, o documentário apresenta letreiros, com informações sobre o cineasta, remetendo aos filmes do cinema mudo. Os letreiros também são utilizados para divisão de capítulos. O filme também traz algumas imagens atuais, gravadas na cidade de Pelotas, como a da casa onde funcionou a Guarany Films, localizada na esquina da rua General Telles com Marechal Deodoro. Procurou-se contato com os proprietários para gravar o alpendre da casa, na busca de repetir o mesmo plano utilizado por Santos, mas eles não concordaram em abrir a casa para as filmagens. Utiliza-se também uma cena da plateia aplaudindo o filme *Os óculos do Vovô* no Teatro Guarany, durante o Festival Manuel Padeiro.

Para realizar todas essas escolhas estéticas, e outras que foram aparecendo no caminho – como os créditos finais em animação – foi preciso ampliar a pequena equipe. No fim, foram mais de 15 pessoas envolvidas no processo, entre atores, narrador, diretor de arte, designer, finalizador, compositor de trilha original, finalizador de áudio e animador. O filme será lançado em 2013, no Centro de Artes da UFPel, durante um seminário em homenagem ao centenário do filme *Os Óculos do Vovô*. Nesta mesma data, o documentário será postado na internet e ficará ao alcance de todos.

Conforme declara Bill Nichols (2005, p. 27) “o documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social”. Desse modo, o curta *As Memórias do Vovô* irá juntar-se a matérias de jornais da época e ao único livro sobre o artista, escrito por Yolanda Lhullier dos Santos e Pedro Caldas, e será mais uma fonte de pesquisa sobre o cineasta Francisco Santos, colaborando, assim, com o resgate da cinematografia nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

SANTOS, Yolanda Lhullier dos e CALDAS, Pedro Henrique.

Francisco Santos: pioneiro no cinema do Brasil. Pelotas: Edições Semeador, 1995.